

Diários buscam saídas

El País, da Espanha, unificará redações de jornal e internet, enquanto New York Times recebe investimento de US\$ 250 milhões de Carlos Slim

FELIPE TURLÃO

Dois dos maiores jornais do mundo anunciaram mudanças bastante diferentes entre si, mas que buscam resolver o mesmo problema que a maioria das publicações impressas do mundo estão tendo de enfrentar nos últimos anos: a queda nas receitas. Os caminhos de El País e New York Times, os periódicos mais importantes da Espanha e dos Estados Unidos, respectivamente, foram anunciados na semana passada e seriam inimagináveis há apenas alguns anos.

O diário espanhol disse que a partir de 1º de março as suas re-

dações de jornal e internet serão unificadas, de modo a acabar com o modelo tradicional que foi chamado por um de seus principais executivos de “antiquado, obsoleto e esclerosado”. Desse modo, o El País muda sua cultura interna, que vinha desde a fundação do periódico, em 1976.

“Em cinco anos, com toda certeza haverá jornais escritos. Dentro de dez, se fizermos as coisas certas, provavelmente sim. Mas em 15 anos não estou seguro de que seguirão existindo tais quais os conhecemos. Eles existirão se lutarmos para que existam”, explica o conselheiro-delegado Juan Luis Cebrián ao próprio El País.

Ele garante que fará de tudo para que a medida não acarrete corte de empregos, mas alerta para possíveis impactos da “crise conjuntural fortíssima”, que poderia deixar a crise de 1930 “pequena”. “A taxa de mortalidade dos jornais é altíssima. A festa acabou para todos. Precisamos

Foto

fazer mudanças estruturais na imprensa”, alerta Cebrián.

APORTE MEXICANO

O New York Times, por seu lado, precisa pagar duas linhas de crédito que, somadas, valem US\$ 400 milhões, sendo que uma delas vence em maio. Sem caixa para refinar sua dívida, a empresa aceitou a proposta do bilionário mexicano Carlos Slim Helu, cuja fortuna foi avaliada pela revista Forbes em US\$ 60 bilhões no ano passado.

O magnata das telecomunicações, que expandiu seus negó-

cios para dezenas de outras áreas, irá emprestar US\$ 250 milhões para a publicação, com juros de 14% ao ano. Isso dará à empresa fôlego para o pagamento das dívidas de curto prazo e permitirá que o empresário mexicano tenha a opção de transformar o seu crédito em ações, fazendo sua participação subir dos atuais 7% para 17%, o que o tornaria um dos acionistas mais relevantes da New York Times Company.

“O acordo nos possibilita aumentar nossa flexibilidade financeira para continuar a executar nossa estratégia de longo prazo”, afirmou a presidente da empresa, Janet L. Robinson, em comunicado. “Continuaremos a explorar outras iniciativas financeiras e estamos focados em reduzir nossa dívida total por meio de dinheiro que iremos gerar com o nosso negócio e pelos passos decisivos que estamos dando para reduzir os custos, os gastos e os dividendos, de modo a balancear nosso portfólio de ativos”, completa.

Como parte do plano para se

capitalizar, a New York Times Company colocou recentemente suas ações do time de beisebol Boston Red Sox à venda. Além disso, sinalizou que poderia hipotecar sua tradicional sede, em Manhattan, em nome de empréstimos.

O investimento de gente de fora da área não é exclusividade da empresa nova-iorquina dentro da mídia norte-americana. Em abril de 2007, o investidor Sam Zell comprou a Tribune Company por US\$ 8,2 bilhões, com a condição de retirá-la do mercado de ações e tornando-a uma empresa privada. Assim, além de controlar o time de beisebol Chicago Cubs, passou a ser dono dos tradicionais jornais Chicago Tribune e Los Angeles Times.

Outro que se aventurou na esfera da mídia foi Warren Buffett, o homem mais rico do mundo em 2008 segundo a revista Forbes, cuja companhia que preside, a Berkshire Hathaway (especializada em seguros, mas com investimentos em uma ampla gama de negócios), detém uma importante parte das ações do Washington Post, empresa da família da publisher Katharine Graham, falecida em 2001.

Além de gente de outras áreas, a mídia já obteve o aporte de estrangeiros, como o do australiano naturalizado norte-americano Rupert Murdoch. Ele adquiriu diversos jornais no Reino Unido, como The Sun, The Sunday Times e The Times, além da Fox Broadcasting e dos jornais New York Post e Wall Street Journal, nos EUA.